



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico

POÇOS DE MARÉ NA FREGUESIA DA CANDELÁRIA- PICO

1. Poço de maré do Pocinho

O poço de maré encontra-se no meio da via pública que inclui circulação rodoviária. Em 2011, existiam pelo menos 4 pias de pedra, junto a um armazém próximo, o que indica que, para além do poço ser uma fonte de acesso à água para a população do lugar do Monte, este local também era utilizado para a lavagem de roupa. Sublinha-se que o nome deste lugar – “Pocinho” – poderá eventualmente ter origem pela existência deste poço de maré.



2. Poços de maré do Calhau



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico

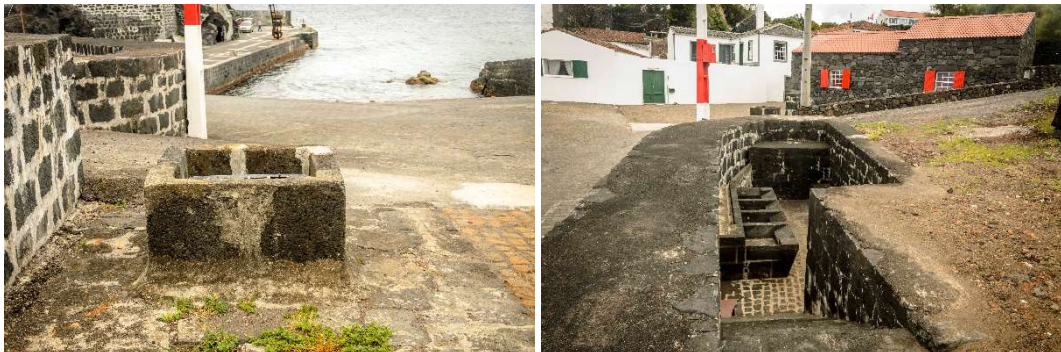
Um dos poços de maré encontra-se na berma da via pública, na proximidade de um alambique em ruínas, que por sua vez se localiza junto a uma casa solarenga, pertença dos herdeiros do falecido Dr. Sebastião. Esta localização indicia que este poço de maré serviria principalmente para servir o funcionamento do alambique.



O outro poço de maré, encontra-se no cimo da rampa de varagem do Porto do Calhau, onde também se encontra um recinto aberto com 4 pias de pedra, o que indica que, para além de ser uma fonte de acesso à água para a população do lugar do Monte, este local também era utilizado para a lavagem de roupa.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico





REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico

3. Poço de maré Fogos/Ana Clara

Este poço de maré encontra-se na proximidade de um alambique, o que indicia que seria uma fonte de acesso à água imprescindível para o seu funcionamento. No local também se encontram pelo menos uma ou duas pias de pedra, o que indica que, para além de ser uma fonte de acesso à água para a população da Candelária, este local também era utilizado para a lavagem de roupa. Sublinha-se que o caminho de acesso a este local denomina-se “Caminho do Poço”.



4. Poço de maré da Furada

O poço de maré encontra-se na costa, e o seu acesso já terá sido destruído pela maresia, tendo em conta que este local é frequentemente fustigado por agitação marítima muito forte. Contudo, o acesso principal faz-se através de uma canada existente na zona da Eira, na Candelária, canada esta que foi interrompida pela Estrada Regional. Para além de ser uma fonte de acesso à água para a população da Candelária e da Mirateca, este local também era utilizado para a lavagem de roupa, visto existir uma pia de pedra próxima do poço. Nas imediações deste poço, encontram-se várias ruínas de edifícios que terão servido de apoio à atividade vitivinícola face a evidências de pedras de lagar integradas nas construções.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico





REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico



5. Poços de Maré do Guindaste

Um destes poços encontra-se na via pública, em frente à ruína do Solar dos Navas, e, entretanto, foi arrasado pela maresia, não restando neste momento, quaisquer vestígios da sua existência à superfície do solo.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico



O outro poço localiza-se no interior de uma propriedade privada, na zona central do pátio de entrada do Solar dos Arriagas.



Sobre o tema dos poços de maré

Texto 1
“POÇOS DE MARÉ
Os Poços de Maré na Ilha do Pico



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico

A relação que hoje temos com a água é completamente diferente daquela que os nossos antepassados açorianos experimentaram. E localizando-nos no tempo, este facto não está tão distante de nós como possa parecer – a título de exemplo na ilha do Pico, só a partir dos anos 80 (século XX) é que a maioria das freguesias ficaram abastecidas pela rede de abastecimento público de água. E mesmo os tanques e cisternas que hoje são pouco ou nada utilizados, e que proliferam pela paisagem edificada na ilha, são construções relativamente recentes, cuja construção não será mais antiga do que há cerca de 150 anos atrás.

Alguma da água provinha de lagoas e pauis, e também das ribeiras que nos seus leitos formavam poços, poços estes que eram periodicamente limpos pelos seus utilizadores para que a água não apodrecesse devido à decomposição da matéria orgânica.

Um facto curioso, é o facto de na Prainha, haver a figura do “juiz da ribeira”, que era um indivíduo responsável pela limpeza e manutenção da ordem no acesso à água da ribeira (por exemplo, controlava que o despejo de águas de lavagem acontecesse em zonas em que essas águas não voltassem novamente à ribeira acabando por contaminar as águas retidas em outros poços a jusante).

Comparativamente às outras ilhas deste arquipélago, o Pico é uma ilha vulcânica jovem, sendo por isso que o seu solo é roto, e as ribeiras não eram nem são permanentes, havendo também poucas nascentes com caudais suficientemente grandes para abastecer a população com fartura.

Perante a escassez de água nesta ilha, os Picarotos adotaram uma solução que lhes permitia aceder a água para uso geral, água essa que sendo na sua generalidade salobra, era o melhor que se podia ter durante os séculos de povoamento até ao século passado – essa solução foi a construção de poços de maré nas zonas costeiras da ilha.

Nos nossos dias persistem mais de meia centena de exemplares dispersos pela costa de toda a ilha do Pico, fora aqueles que já foram soterrados e desativados, cujo número se desconhece. Neste aspeto, o Pico será a ilha dos Açores onde existem poços de maré em maior quantidade.

Tal como ir buscar lenha, ir buscar água era uma rotina diária dos nossos antepassados:

aqueles que viviam mais perto, transportavam-na em gamotes ou em potes à cabeça percorrendo quilómetros diários, enquanto que aqueles que viviam mais longe e tinham meios para isso, transportavam-na em pipas nos carros de bois. Era usual formarem-se grandes filas de gente à espera da sua vez para tirar água: indubitavelmente, este era um local comunitário e de grande importância social, embora muitos destes poços pertencessem a privados.

E as mulheres transportavam a roupa suja de casa para a lavarem nas pias que existiam junto dos poços de maré. Salvo algumas exceções, a quantidade de roupa que cada pessoa tinha era muito reduzida, resumindo-se ao traje do domingo e a dois ou três trajes de trabalho – roupa de “transiar”. E a roupa de trabalho que era vestida no início da semana servia para vestir a semana toda!

A higiene diária das pessoas era muito diferente da que praticamos: o banho geral acontecia só uma vez por semana, havendo relatos de haverem pessoas que só tomavam banho geral umas poucas vezes no ano. Diariamente, lavava-se a cara e os pés (porque a generalidade das pessoas andavam descalças) e pouco mais, começando pelos mais novos que se lavavam primeiro na água limpa, até aos mais velhos que se lavam na mesma água em que todos os outros já se haviam lavado.

Na sua generalidade, em casa a água era depositada em talhões de barro, e o seu uso era muito racionado, e racional: água potável era só para beber e cozinhar, e sempre que possível, provinha das poucas fontes de água doce existentes na ilha.

Mesmo assim, também é um facto que a própria água salgada servia para fazer muita coisa – pura ou destemperada com água doce - era utilizada para cozinhar, nomeadamente para cozer batatas doces e inhames. A água salgada também era utilizada para a cozedura dos vimes necessários para a construção de cestos, e para a lavagem dos próprios cestos, quer após a sua construção, quer após as vindimas.

A ponta Este da ilha é onde se encontram menor número de poços de maré, não havendo mesmo registo de ter havido algum, especificamente nas freguesias da Ribeirinha e Piedade, onde a população se abastecia de água em nascentes que jorravam junto à costa, e no Paul da Ribeirinha – que também abastecia a população da Calheta do Nesquim.

Na Vila das Lajes, também acontece outra situação única na ilha: o facto da cota máxima do terreno onde está implantada a parte central da vila ser inferior a 10 metros, permitiu que em muitas propriedades privadas fossem escavados poços de maré para uso exclusivo privado, havendo situações em que os próprios poços de maré desembocavam no interior dos próprios edifícios.

Conhece-se muito pouco sobre os métodos de construção dos poços de maré. Todavia, perante a proliferação de poços de maré que se encontram no Ilha do Pico, e tendo em conta a sua localização, sujeito-me a alegar que o local era escolhido de acordo com o enquadramento de um determinado aglomerado urbano, uma determinada via, uma determinada propriedade ou determinado edifício, verificando-se que os nossos antepassados pareciam confiar que em qualquer local onde escavassem um buraco profundo iriam encontrar água: a análise sobre a localização dos poços de maré existentes, levam a esta conclusão. Contudo, a determinação do local era sem dúvida, um fator determinante. Primeiro era necessário procurar indícios de escorrências de água doce nas zonas costeiras: através da observação de manchas espreiadas no mar junto à costa em dias de mar muito manso e sem vento, ou



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico

através da temperatura da água do mar junto à costa, e por intermédio de vestígios em fendas de rochas da costa. Depois, tendo em conta presumíveis alinhamentos e suposições sobre o local ideal, começava-se a abrir um grande buraco, retirando a pedra existente, e partindo lajes de rocha até finalmente encontrar a água. Depois, começavam-se a construir as paredes do poço – que podiam ser de forma circular, retangular ou quadrangular, entulhando o grande buraco em torno das paredes (pelo lado exterior) com os materiais provenientes da escavação. Ao nível da superfície do terreno, era construída a boca do poço, que era constituída por grandes lajes de pedra rigorosamente talhada, engatadas entre si com gatos de ferro, assentadas ao alto segundo um retângulo ou quadrado, com altura suficiente para que ninguém caísse para o interior do poço. A secção e dimensão da boca do poço é bastante variável, rondando no entanto uma área de cerca de 1m².

A sua implantação está localizada em cotas de terreno que poderão ir desde os 4 aos 20 metros de elevação relativamente ao nível médio das águas do mar. E outro facto característico é o seguinte: quanto mais profundo é o poço, mais frio é o ar que sai do seu interior.

Nos nossos dias, é difícil imaginar o quão difícil foi a construção destes poços. Contudo, as necessidades de outrora até nos fazem parecer hoje que tudo aquilo foi fácil e simples de fazer. Mas se pensarmos um pouco mais, e tivermos em conta que muitos destes poços ultrapassam largamente uma dezena de metros de profundidade, e que o solo onde são escavados é rochoso, composto na sua maioria por lajes de basalto que tiveram que ser partidas com ferramentas manuais e à força de braços, aí vergamo-nos perante a força,

determinação e capacidade de sobrevivência dos nossos antepassados.

Aquilo que fazemos hoje com a água, demonstra que não temos a mais pequena noção da preciosidade deste bem.

Texto 2

Os Poços de Maré na Paisagem da Cultura da Vinha do Pico

Os Poços de Maré são algumas das referências da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Património da Humanidade, e no âmbito desta paisagem cultural figuram como valores culturais. A sua presença na paisagem é mais um dos grandes marcos daquela que foi a gigantesca epopeia da labuta do Homem do Pico, na transformação da paisagem desta ilha em proveito da sua própria sobrevivência.

Encontram-se em grandes números ao longo da faixa costeira, dado que nesta parte da ilha do Pico a sua existência era insubstituível para o acesso à água, dada a inexistência fontes, nascentes ou ribeiras (desde a freguesia de Santa Luzia seguindo para Oeste até à freguesia de São Mateus).

É também na Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Património Mundial - que se encontra o poço de maré mais distante da costa na Ilha do Pico – o Poço do Aço, que se encontra a mais de 700 metros da linha de costa, numa propriedade privada da freguesia da Criação Velha.

Os poços de maré podem ser interpretados como um símbolo de poder ou de um determinado estatuto social, ou então por antagonismo, podem estar associados aos meios de produção primária, como também podem ser um elemento aglutinador e um bem protegido por uma comunidade.

Dentro das propriedades vitivinícolas onde se localizam os solares, ou casas solarengas, bem como junto a casas conventuais perto da orla costeira, existe sempre um poço de maré, que pelo seu valor ficava enquadrado na entrada principal da propriedade, enquadrando-se no espaço numa posição central privilegiada, imprimindo um grande protagonismo relativamente à fachada principal e mais imponente do edifício: como exemplos mais significativos temos o Solar dos Salgueiros (no Lajido de Santa Luzia), e o Solar dos Arriagas (no Guindaste). Desta forma, o próprio poço de maré era interpretado como um símbolo de poder na organização hierárquica social da época, pois só as famílias mais abastadas e com importância

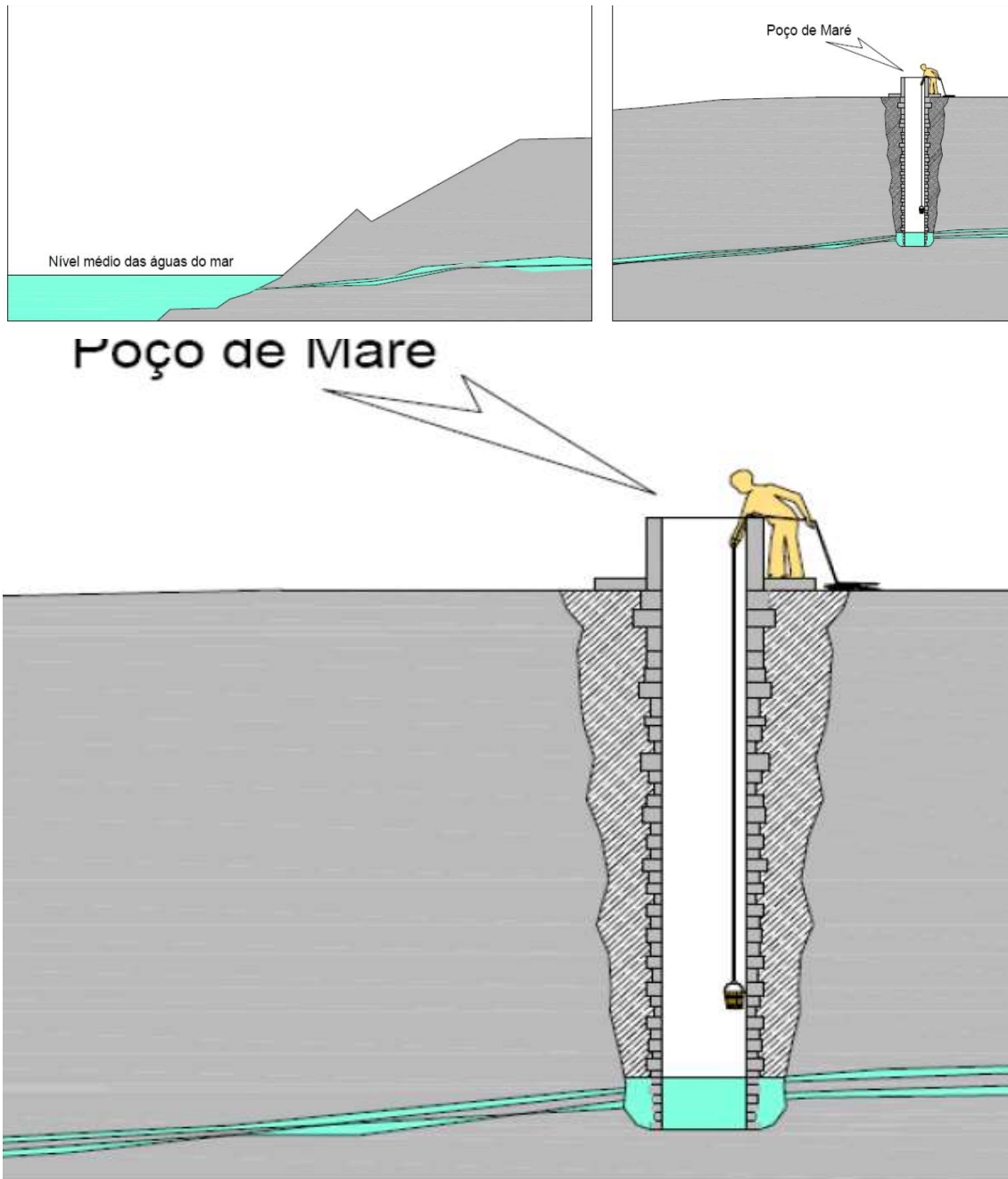
considerável na sociedade é que tinham o privilégio de se dar ao luxo de construir o seu poço de maré, para terem a sua própria água.

Para além de fornecerem água para fins domésticos, os poços de maré eram imprescindíveis para o funcionamento dos alambiques, dada a necessidade de grandes quantidades de água, e de renovação de água para arrefecimento das serpentinas, e lavagem das caldeiras de destilação. Por isso é que, na Paisagem da Cultura da Vinha – regra geral -, junto de um alambique existe sempre um poço de maré.

Por norma, os poços de maré de carácter comunitário, são encontrados ao longo das antigas canadas, que culminavam junto à costa. Estas canadas – estradas da época – ainda hoje têm impressas as rilheiras que comprovam a passagem intensa de carros de bois que transportavam diariamente, entre outras coisas, pipas de água para as populações mais distantes.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico



Mónica Goulart, Arquiteta

Gabinete Técnico da Paisagem Protegida da Vinha do Pico

SIARAM :: Poços de Mare (azores.gov.pt)

Texto 3

"Entender a Paisagem Protegida da Cultura da Vinha da Ilha do Pico: os poços de maré"



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico

Os poços de maré são algumas das referências da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Património da Humanidade, atualmente sob a gestão da Secretaria Regional do Ambiente e Alterações Climáticas, e, no âmbito desta paisagem, figuram como valores culturais.

A sua presença é um dos grandes marcos daquela que foi a gigantesca epopeia da labuta do Homem do Pico, para se estabelecer e sobreviver.

Fora aqueles que já foram destruídos pela erosão costeira, são mais de 30 os poços de maré que prevalecem, dado que, nesta parte da ilha do Pico, eram a maneira mais fácil de acesso à água, face à inexistência de fontes, nascentes, ribeiras ou até tanques e cisternas cuja construção apenas surgiu a partir de final do século XIX. Sublinho que desde a freguesia de Santa Luzia seguindo para oeste até à freguesia de São Mateus não se encontram ribeiras ou nascentes.

A inexistência de cursos de água e nascentes terá sido um forte fator da ocupação humana tardia neste lado oeste da ilha do Pico – antigamente denominado “Fronteira” –, hoje praticamente todo integrado no concelho da Madalena, constituído no século XVIII, dois séculos depois dos concelhos das Lajes e de São Roque do Pico. Para além da falta de água, vastos campos de lava e solo rochoso e a inexistência de terras aráveis propícias à agricultura são as principais diferenças relativamente à parte mais antiga da ilha no lado leste, após o espriar da grande Montanha do Pico.

É também na Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico que se encontra o poço de maré mais distante da costa na ilha do Pico – o Poço do Aço –, a mais de 700 metros da linha de costa, numa propriedade privada da freguesia da Criação Velha, e que tem uma profundidade de cerca de 16 metros.

A toponímia de algumas ruas e canadas das freguesias ainda preservam a memória e a importância dos poços de maré. A comprová-lo, encontram-se os seguintes nomes de ruas e canadas: “Canada do Poço”, “Canada do Poço Velho”, “Canada do Poço Novo” na freguesia das Bandeiras, o “Caminho do Poço” ou “Rua do Poço” nas freguesias de Madalena, Criação Velha e Candelária e “Pocinho” na Candelária. Todos estes caminhos e canadas davam acesso ou culminavam junto a um poço de maré, perto da costa.

O processo de construção destes poços era totalmente manual, com recurso a utensílios e ferramentas que implicavam o uso da força humana para partir e remover as sucessivas camadas de rocha e pedras, abrindo uma cratera profunda até encontrar água (aquífero basal). A fase seguinte deste processo, consistia na construção das paredes do poço, desde o fundo até à superfície, em alvenaria de pedra: a cratera entretanto escavada era, gradualmente, entulhada com pedra resultante da escavação, à medida que as paredes do poço iam sendo construídas em direção à cota da superfície. Finalmente à superfície, eram sentadas as grandes lajes de pedra lavrada que vedavam a “boca do poço”, habitualmente com forma quadrada ou retangular, e, em seu redor, o piso era regularizado e lajeado ou empedrado com as pedras ou lajes que melhor se ajeitavam.*

No fundo do poço, a profundidade máxima da água pouco ultrapassa 1 metro e oscila com a maré: seguindo a lógica da hidrodinâmica neste contexto, a água de melhor qualidade seria obtida aquando da maré baixa. Ao invés, na maré alta, maior quantidade de água apareceria no fundo do poço, mas maior seria a probabilidade de ser água salobra – de menor qualidade. Em alguns poços, acabam por aparecer eirós ou enguias.

Para retirar água do poço bastava um balde e uma corda. Porém, em alguns poços foram adicionadas estruturas de madeira suspensas sobre a boca do poço, com cordas e roldanas, que facilitavam o processo de subir e descer baldes, desdobrando o seu peso de forma a tornar-se uma tarefa menos esforçada.

Para além de fornecerem água imprescindível à sobrevivência humana e animal, esta água também era usada para fins domésticos, e fundamental para o funcionamento dos alambiques, dada a necessidade de grandes quantidades de água para arrefecimento das serpentinas e lavagem das caldeiras de destilação. Por isso é que, na Paisagem da Cultura da Vinha, em regra geral, nas proximidades de um alambique existe sempre um poço de maré, e casos há também em que são construídas canalizações e calhas rudimentares que transportam a água do poço diretamente ao interior do alambique.

Nas propriedades onde estão implantados os solares, ou casas solarengas, bem como junto a casas conventuais perto da orla costeira, existia sempre um poço de maré, que pela sua importância e simbolismo, ficava enquadrado no espaço da entrada principal da propriedade, numa posição central privilegiada, incutindo naquele cenário da fachada principal um grande protagonismo: como exemplos mais expressivos temos o Solar dos Salgueiros (no Lajido de Santa Luzia) e o Solar dos Arriagas (no



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Gabinete Técnico da Vinha da Ilha do Pico

Guindaste). Estes são exemplos raros que sinalizavam a importância que as famílias abastadas davam ao seu poço de maré privado.

As canadas e veredas de acesso aos poços de maré públicos mostram evidência de grande movimento de pessoas e carros de bois, notórias pela existência de rilheiras, e de pias de lavar de grandes dimensões construídas em pedra, que demonstram que grandes quantidades de água eram transportadas para as povoações estabelecidas a alguns quilómetros de distância da costa e dos poços de maré (Santana, Santa Luzia, Bandeiras, Toledos, Criação Velha, e Candelária). À data de então, ir buscar água era uma rotina diária.

O retrato da época seria um permanente fervilhar de vida e de gente em redor destes poços de maré: daqueles poços saía a água para saciar a sede, para cozinhar, para tratar de animais, para as lavagens. E era junto ao poço de maré que a maioria das pessoas lavavam as suas roupas e por ali ficavam à espera que essas roupas alvas corassem ao sol, estendidas por cima das rochas negras da costa.

Nos dias de hoje, os poços de maré são elementos solitários na paisagem, sem vida em seu redor, meio misteriosos: perderam a sua importância e já não são usados. No entanto, preservam o essencial para a sobrevivência humana: a água e a memória.

() Aquífero basal: massa de água doce subterrânea em equilíbrio hidrodinâmico com a água do mar; devido à sua menor densidade, a água doce flutua sobre a água salgada; fenómeno comum junto à orla costeira de pequenas ilhas vulcânicas.”*

Mónica Goulart – GTV – 2021”

In [Entender a Paisagem Protegida da Cultura da Vinha da Ilha do Pico: os poços de maré - Secretaria Regional do Ambiente e Alterações Climáticas \(azores.gov.pt\)](#)